

A guarda e o tratamento aplicado às fotografias em arquivos pessoais: o caso dos fundos do Arquivo IEB - USP

Elisabete Marin Ribas

Como citar: RIBAS, E. M. A guarda e o tratamento aplicado às fotografias em arquivos pessoais: o caso dos fundos do Arquivo IEB - USP *In* : MADIO, T. C. C.; MACHADO, B. H.; BIZELLO, M. L.(org.). **Desafios na identificação e organização de fotografia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 357-390 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-277-2.p357-390>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A GUARDA E O TRATAMENTO APLICADO ÀS FOTOGRAFIAS EM ARQUIVOS PESSOAIS: O CASO DOS FUNDOS DO ARQUIVO IEB - USP

*Elisabete Marin RIBAS*¹

O presente texto parte de um grande laboratório onde podemos experimentar e experienciar a tarefa – nem sempre simples, mas cotidianamente instigante – de organizar e abrir para a pesquisa arquivos pessoais de intelectuais, hoje sob a guarda do Serviço de Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP) *.

Para a atual equipe que realiza esse trabalho, o atendimento ao (à) pesquisador(a) é um dos pontos-chaves para o tratamento do acervo, pois um dos principais sentidos do tratamento arquivístico aplicado àqueles que chamamos de *arquivos privados de interesse público* (ARDAILLON, 2005) em uma instituição pública de guarda de acervos, é o apoio à pesquisa, com vistas ao atendimento do maior número de perfis de interessados(as) no acervo. Do(a) pesquisador(a) acadêmico(a) ao(à) aluno(a) da escola

¹ Servidora da Universidade de São Paulo (USP), compondo a equipe técnica do Serviço de Arquivo do IEB – USP, sob a função de Especialista em Laboratório, aluna de doutorado pelo PPGCI – UNESP.

fundamental; do(a) genealogista ao(à) cidadão(ã) curioso(a) na história do país; torna-se um desafio buscar aplicar a terminologia e o rigor da classificação e da descrição arquivística de modo que um amplo leque de perfis de consulentes possa acessar e recuperar a conteúdo informações presentes em cartas, bilhetes, receitas médicas, bulas de remédio, desenhos infantis, diários, cadernos de receitas culinárias, álbuns de casamentos, ou seja, uma infinidade de tipologias documentais, característica marcante nos arquivos pessoais.

Hoje, de forma especial, nos debruçaremos sobre as fotografias, abarcando de forma sumária um pouco do nosso conhecimento tanto nas questões de sua preservação quanto de sua classificação e descrição. Com o passar dos anos de trabalho, inúmeras experiências nos fizeram refletir e, em muitas vezes, repensar nossas práticas. Por isso, o presente texto segue a metodologia de apresentação de estudo de caso, amparado pela etnografia cotidiana de uma funcionária que, inserida em seu local de trabalho, busca refletir sobre suas práticas.

Antes de iniciarmos nosso relato, é preciso dizer que grande parte dos casos aqui apresentados não teriam sido possíveis sem uma imensa equipe de apoiadores, sejam pesquisadores(as) que realizam suas consultas ao nosso acervo ou nossos(as) colegas de trabalho, sejam colaboradores(as) do IEB, termo esse que contempla funções como de especialistas e consultores(as) contratados(as) às várias gerações de incansáveis estagiários(as) e bolsistas de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, muitos(as) dos(as) quais, de forma voluntária, colaboram com a organização do acervo do Arquivo do IEB. Por fim, agradecemos de modo especial às famílias de Caio Prado Jr. e Mário de Andrade, que autorizaram o uso de imagens e documentos que ilustram este ensaio. A cada caso, os devidos nomes serão referenciados, mas desde já, fica o agradecimento da autora a todos(as) que de alguma forma, nominalmente citados ou não, colaboraram com estes apontamentos².

² Agradecemos a equipe técnica do Serviço de Arquivo: Adriano de Castro Meyer, Dina Elisabete Uliana (supervisora técnica de Serviço), Patrícia Godoy Gomes Dollay e Paulo José de Moura; agradecemos a consultoria especializada de Luciana Amaral; em relação à organização e descrição do fundo Caio Prado Jr., agradecemos de modo especial aos pesquisadores e pesquisadora Giovana Beraldi Faviano, Matheus de Paula Silva, Talita Yosioka Collacio, Viviane Vitor Longo e Wipsley Mesquita, bem como ao Prof. Dr. Alexandre de Freitas Barbosa; em relação à organização e descrição do fundo Mário de Andrade, agradecemos à Profa. Dra.

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS PESSOAIS: PROTOCOLOS DE GUARDA

Muitos(as) autores(as) já falaram da importância da fotografia na pesquisa histórica e não cessam estudos sobre a identificação de suas técnicas, sua preservação seja dos positivos revelados, seja dos negativos em vidro ou acetato, isso sem falar dos desafios que os documentos nato-digitais nos trazem³. Em outras palavras, a fotografia tem seu papel e seu espaço no desenvolvimento de pesquisas nas quais são utilizadas como fonte, ao mesmo tempo em que ela em si mesma é um caso específico de estudo.

Há instituições especializadas apenas na guarda de fotografias, nos seus mais diversos formatos, suportes e técnicas. Outras instituições organizam seus acervos em documentação textual e iconográfica, sendo que nesse último, encontram-se as fotografias muitas vezes guardadas como “as joias da coroa”, - e aqui compreendemos que a especialização da preservação e técnicas de tratamento amparam muitas vezes essa questão. Diante dos avanços de bases de dados e sistemas de gestão de acervos, é fundamental pensar que o acervo físico e sua organização lógica não são necessariamente espelhos entre si, isto é, que um deve refletir exatamente o outro. Pelo contrário, quanto maior a estrutura tecnológica que ampare instrumentos de pesquisa de uma instituição de guarda de acervo, mais refinado deve ser seu intercruzamento e disposição de dados.

No caso do IEB, buscamos chegar o mais próximo desse relacionamento de dados, - em especial, naquilo que chamamos tecnicamente na área de manutenção do vínculo arquivístico - considerando que nem sempre é possível, por questões de conservação, manter o acervo fotográfico em aproximação da sua disposição física, seja devido ao espaço, seja devido à embalagem. A qualquer movimento do acervo, estamos sempre atentos à essa manutenção, que muitas vezes é estabelecida inicialmente por registros manuais em um primeiro movimento do tratamento dos

Telê Ancona Lopes, que durante anos, coordenou vasta equipe de pesquisadores que trataram e pesquisaram as milhares de fotografias presentes no acervo do autor de *Macunaima*.

³ Destaque para estudos de Amaral (2009); Filippi, Lima e Carvalho (2002); Kossoy (2002, 2007, 2009, 2014); Leite (2000); Samain (2005, 2012); Smit (1989, 1996); Sontag (2004) como referências básicas. Entretanto, todos os autores e autoras até aqui citados são detentores de vasta pesquisa na área, que recomenda-se a busca e aprofundamento aos interessados.

documentos, seguido dos registros lógicos, estabelecidos em nossas bases de dados, especialmente na inserção dos descritores documentais em nossa principal ferramenta tecnológica chamada de Sistema de Gerenciamento do Acervo (SGA)⁴, que receberá atenção maior adiante. Nosso relato parte inicialmente da guarda do acervo físico.

Em questão de armazenagem, cada vez mais nossas condições de guarda são aprimoradas. Em nova sede desde 2015, as reservas técnicas e embalagens utilizadas no Arquivo do IEB buscam atender os rigorosos padrões internacionais de controle climático bem como a qualidade do material de acondicionamento. Para garantia deste armazenamento, dispomos de dois tipos de reservas técnicas: uma para a guarda de fotografias reveladas, ou também chamadas de positivos e outro espaço especializado para a guarda de negativos, incluindo vários suportes e formatos.

Começamos pelo espaço de guarda dos negativos, ao qual chamamos de Câmara Fria. Com controle climático estabelecido entre 10 a 12 ° C de temperatura e 50 a 60 % de umidade, em seu interior ficam abrigados, por exemplo, os negativos de acetato e vidro, em diversos formatos e dimensões.

Figura 1: Exemplo de envelope em cruz, fechado e aberto, em papel alcalino branco, para a guarda individualizada de negativo de acetato



Fonte: Elaborado pela autora.

⁴ Mais informações estão em Ribas (2013).

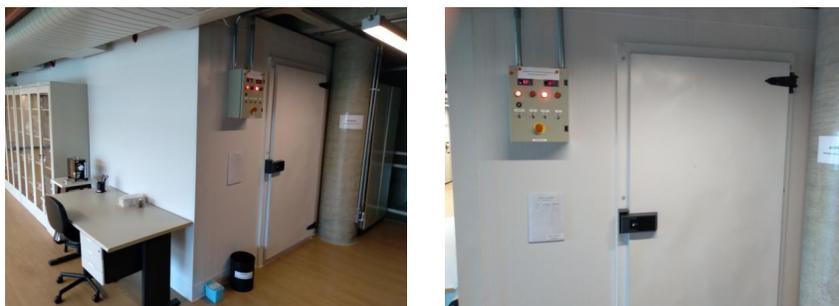
Figuras 2 e 3: Exemplo de embalagens em polietileno, de guarda de negativos flexíveis em acetato, tanto em formato individual quanto em rolo.



Fonte: Elaborado pela autora.

Destaca-se que a escolha da embalagem leva em conta o suporte da imagem, o formato e sobretudo, seu estado de conservação. Para suportes que apresentam estado de deterioração avançado, após tratamento especializado, preferem-se os envelopes em papel alcalino branco ou o papel filiset 68 gramas, que permitem a respiração do documento.

Figuras 4 e 5: Parte externa da Câmara Fria do Arquivo IEB – USP



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6: Parte interna da Câmara Fria do Arquivo IEB – USP.



Fonte: Elaborado pela autora.

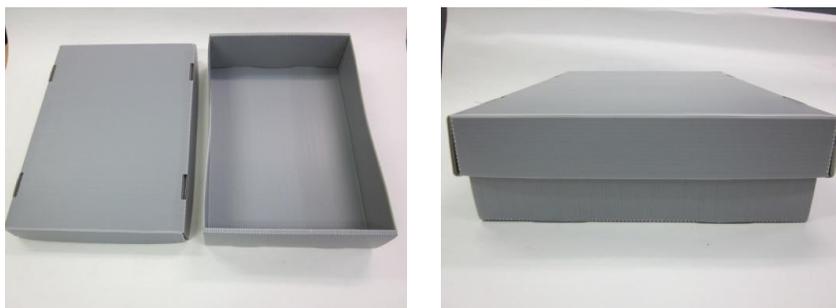
As fotografias reveladas, ou também chamadas de positivos, sejam as em preto e branco ou coloridas, são armazenadas em condições de controle climático diferente às da Câmara Fria, em três andares de reserva técnica que conseguimos controlar entre 16 a 18 °C de temperatura e com 55 a 65 % de umidade. Elas são embaladas, sempre que possível de forma individualizada, em jaquetas de poliéster, que por sua vez, estão guardadas em caixas neutras de feitura artesanal e especializada, com qualidade arquivística ou em caixas poliondas, também feitas em padrão específico para acomodação ao mobiliário técnico das reservas técnicas do Arquivo IEB – USP.

Figura 7: Exemplo das jaquetas de guarda individualizada de fotografias. Suas dimensões acompanham o formato fotográfico e podem acomodar até dois documentos separados por papel alcalino branco de gramatura superior à 150 gr.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figuras 8 e 9: Exemplo das caixas tampa-base, em polionda, 600 gr.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10: Imagem panorâmica das estantes deslizantes de guarda dos fundos pessoais do Arquivo IEB – USP, onde armazenam-se os positivos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figuras 11 e 12: Imagem panorâmica do interior de uma das estantes deslizantes de guarda dos fundos pessoais do Arquivo IEB – USP, onde armazenam-se os positivos em caixas neutras.



Fonte: Elaborado pela autora.

No caso do armazenamento em caixas neutras, prioriza-se, sempre que possível, o formato de caixas-álbuns:

Figura 13: Exemplo de caixa-álbum que armazena fotografias, cartões-postais e outros itens semelhantes, no Fundo João Guimarães Rosa.



Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho de conservação preventiva do acervo, em especial das fotografias, busca preservar, o máximo possível, a química presente nas fotografias. Trata-se de uma luta diária contra a deterioração do suporte. Em suma, em seu novo prédio, o Arquivo do IEB tem consolidado o trabalho de padronização de embalagem de seu acervo para fins de conservação preventiva e ficamos felizes em dizer que temos tido relativo sucesso quanto a isso. Podemos considerar que 90% do acervo se encontra embalado de forma padronizada e segura.

Paralelo a isso, surgem as questões da manutenção do vínculo arquivístico, conceito apresentado anteriormente e que será mais bem aprofundado a partir de agora. Para a manutenção do vínculo arquivístico, é necessário desenvolver um minucioso trabalho para que, uma vez que as fotografias precisem ser armazenadas em embalagens diferentes de uma carta ou de um diário, por exemplo, tal deslocamento físico não acarrete uma perda informacional.

Dito isso, uma vez apresentado o protocolo de guarda física adotado pelo Arquivo IEB-USP, o item a seguir será dedicado à explanação da classificação e descrição do acervo fotográfico.

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS PESSOAIS: CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO

O tratamento de fotografias dos arquivos pessoais sob a guarda do IEB é um trabalho que envolve desafios e dilemas. Um deles é a descrição objetiva das imagens, isto é, o retrato fidedigno de suas características sem a inclusão de juízos de valor. Em outras palavras, a descrição não pode ser confundida com a interpretação da imagem⁵. Esse esforço também está presente no momento da contextualização dessas imagens que é algo ainda mais delicado, pois inserir levemente uma imagem ou um determinado agrupamento do *quadro de arranjo* que reflete a vida do titular do acervo em organização, pode mudar completamente o sentido dessa imagem, levando a erros de pesquisa.

É sempre importante lembrar que a organização que aplicamos no acervo do IEB sempre leva em consideração que tratamos de arquivos pessoais. Os conjuntos de fotografias presentes nesses fundos, cada vez mais são tratados de forma especializada, mas sobretudo são encarados como mais uma tipologia documental, dentro de um universo de centenas de documentos. Sua conservação preventiva é fundamental e sua descrição também vem sendo ampliada⁶, buscando atender e valorizar suas especificidades. Mas a fotografia presente nos arquivos pessoais não deve ser tratada como um item semióforo, ou seja, ela não deve ter um tratamento que recaia apenas sobre si mesma, seja pela sua técnica seja pelo seu conteúdo. Pelo contrário, nunca devemos esquecer que tal imagem faz parte de um todo de uma vida armazenada e deve, sempre que possível, ser inserida em seu contexto de produção e acumulação do titular do acervo. Diante disso, a autora acredita que para falar das propostas de tratamento de fotografias a partir de seu local de experiência cotidiana, é importante mostrar tais imagens. Para tal, escolheu-se apresentar os resultados práticos

⁵ Dentre os trabalhos de revisão de práticas descritivas a partir do acervo do próprio Arquivo do IEB a autora destaca as reflexões presentes em *Catálogo seletivo de referências às políticas e iniciativas culturais relacionadas a pessoas negras no Arquivo-IEB / USP* (Volume I e II), de autoria de Guilherme Lassabia de Godoy (2021).

⁶ Aqui é importante destacar que desde o ano de 2016, o Arquivo do IEB, por meio de projetos financiados por parceiros dentre os quais destacamos o Itaú Cultural, obteve recursos para a contratação da consultoria especializada de Luciana Amaral. A partir de então, não só práticas de guarda foram aprimoradas, como também o processo de descrição foi aprimorado, sob sua supervisão.

aplicados a partir de dois arquivos pessoais sob a guarda do IEB, sendo eles os fundos de Caio Prado Jr. e Mário de Andrade⁷.

CASO 01) CAIO PRADO JR.: INTÉRPRETE DO BRASIL (E FOTÓGRAFO)

Caio Prado Jr. é considerado um dos chamados intérpretes do Brasil. Seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo* é um dos títulos basilares para historiadores, sociólogos, economistas, ou qualquer profissional que se interesse e estudar ou compreender o Brasil. Formado em direito, atuou em muitas frentes e teve uma vida plural que contempla funções que vão desde a de editor até uma carreira política.

Entretanto, pouco se fala de sua atuação como fotógrafo. Caio Prado Jr. acumulou em seu arquivo pessoal uma coleção de fotografias impressionante, que traz desde álbuns de seus antepassados até imagens que capturam movimentos, o que demonstra sua técnica e o manejo habilidoso diante da tecnologia disponível na época. Em oportunidade na qual a equipe do Arquivo IEB recebeu a visita de Yolanda Prado, filha do intelectual, ela nos contou que o interesse de Caio por fotografia fez com que ele pintasse um dos banheiros de sua residência de preto, transformando-o em um laboratório de revelação.

Em resumo: Caio Prado Jr. é detentor de um arquivo de porte que ainda passa por processo de organização, pois se estima que sejam mais de 30 mil documentos ali presentes. Desse total, mais de 18 mil já se encontram descritos individualmente⁸, tendo sido identificadas, até o momento, o impressionante número de 5.210 fotografias. Desse conjunto de imagens, há subconjuntos, como os álbuns de família que retratam não apenas os antepassados de Caio Prado Jr, como também, pela longevidade temporal, são um exemplo raro de uma coleção que reúne técnicas de revelação que abarcam documentos do fim do século XIX, chegando ao

⁷ Em ambos os casos, isso só foi possível graças à concessão de autorização de uso de documentos presentes nos arquivos pessoais de Caio Prado Jr. e Mário de Andrade, por meio de seus familiares e detentores de direitos, aos quais a autora registra o agradecimento pelo apoio não apenas neste trabalho, mas de sempre.

⁸ Destaca-se que a prática de descrição de documento a documento nem sempre é passível de ser aplicada a acervos de instituições arquivísticas. Entretanto, no caso do acervo sob a guarda do Arquivo do IEB, devido tanto às especificidades dos arquivos pessoais quanto das pesquisas ali desenvolvidas, a descrição individualizada é adotada por sua equipe técnica e aplicada a todos os conjuntos documentais sob nossa guarda.

ano 1990 do século XX, data em que o titular da documentação veio a falecer. Além disso, é inerente que um intelectual como Caio Prado Jr. seja, automaticamente associado a um exímio pesquisador. Seu acervo corrobora com nossas hipóteses de análises, pois traz fichas e fichamentos extensivos, por meio dos quais é possível acompanhar a construção de seu pensamento. Parte dos manuscritos de seus livros ali também preservados revela índices, ideias e cortes que não estão em sua obra publicada. Essa comparação entre documentos de seu acervo e obras publicadas demonstram o rigor e o labor intelectual que refina uma ideia registrada e depois cortada, como se lê em seus papéis. É nesse celeiro de criação da obra caiopradiana que se encontram suas fotografias. O desafio da equipe técnica é contextualizar este material, considerando que parte dele são registros de sua pesquisa sobre o Brasil, por exemplo. Caio é um dedicado fotógrafo e seus estudos sobre a imagem estão ali presentes. O desafio é identificar as práticas do fotógrafo, o que não se mostra como algo simples, mas acreditamos que temos avançado com certa desenvoltura.

Um exemplo disso é essa sequência de fotografias a partir das quais se detecta um ensaio sobre, o que chamamos até o momento de “estudos de luz e sombra”, a partir da abertura da objetiva e do registro da posição da luz solar. Essa constatação é possível a partir da leitura das anotações contidas no verso das imagens:

Figuras 14 e 15: Sequência de imagens atribuídas ao fotógrafo Caio Prado Jr.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ-F12-001, 002 e 003.

No verso das imagens se lê anotação atribuída à Caio, que traz:

CPJ-F12-001: “11 ½ horas sol brilhante / teleobjetiva 2m / f 4
125 / dobro da exposição / indicada pelo fotometro (sic.) / Set
1939”

CPJ-F12-002: “11 ½ horas sol brilhante / teleobjetiva 2m: / f 5,6
125 / indicação do fotometro (sic.) / Set 1939”

CPJ-F12-003: “11 ½ horas sol brilhante / teleobjetiva 1m 50: / f
11 50 / dobro da exposição indicada pelo fotometro (sic.) / Set
1939”

Em um trabalho cotidiano de descrição de imagens, sabemos identificar que se trata da reprodução fotográfica de uma planta, mais especificamente uma flor com suas respectivas folhas. Das três imagens, duas delas são bem semelhantes, mas a terceira mostra um ângulo diferente. Entretanto, apesar de acreditarmos ser válida a descrição objetiva da flor retratada, as anotações à lápis no verso da imagem agregam outras informações que, aliadas aos estudos feitos a partir da obra de Caio Prado Jr. e sobretudo, à leitura aplicada ao seu arquivo pessoal, mesmo ainda em processo de organização, nos mostra que Caio Prado Jr. não é um mero curioso da fotografia. Pelo contrário, seja no jardim da sua residência, seja em um parque público, seja em uma das suas viagens, ele registra a hora do dia, a intensidade do sol e a abertura da sua objetiva.

Vê-se assim neste pequeno exemplo que o trabalho de descrição das fotografias em um arquivo pessoal deve considerar não apenas a descrição da imagem, mas também das anotações ali presentes. A partir de consultorias especializadas que Arquivo do IEB tem recebido de profissionais como Luciana Amaral, os descritores fotográficos foram ampliados e no trabalho descritivo, para além do registro da imagem, vincula-se a isso o registro do texto do verso da imagem. O exemplo trazido aqui nos mostra o avanço informacional que a descrição do conteúdo da frente da imagem relacionado ao texto contido no verso da mesma nos traz, especialmente sabendo que se trata de uma sequência pertencente ao arquivo pessoal do também fotógrafo Caio Prado Jr.

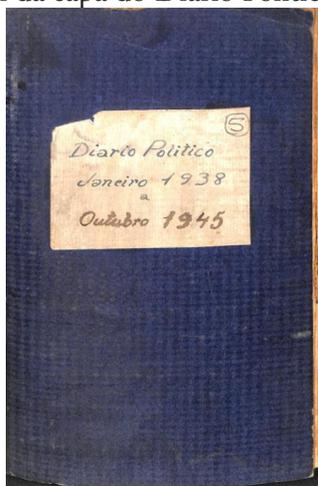
Mas não só do relacionamento entre frente e verso de imagens de um único documento vive o arquivo pessoal de Caio Prado Jr. É importante apontar que a organização de um acervo como o dele não é um trabalho solitário, muito menos é o trabalho para apenas um tipo de profissional, seja pela complexidade do pensamento e ideias registradas em seus documentos, seja pelos números de documentos que Caio Prado Jr. produziu e ou acumulou. Em razão dessa complexidade, a organização dos documentos de Caio Prado Jr. no Arquivo do IEB dura mais de vinte anos de trabalho e já contou com mais de duas dezenas de colaboradores. É a partir da experiência de dois deles que seguimos em nosso relato.

Começamos com a atuação da então estagiária Giovana Beraldi Faviano, que nos anos de 2010 a 2012, colaborou junto à organização do Fundo Caio Prado Jr.. O trabalho dela contribuiu para a contextualização das fotografias do arquivo de Caio⁹. Durante o período de estágio, a então aluna da graduação em História pela FFLCH – USP atuou em várias frentes de trabalho de organização do Fundo Caio Prado Jr., dentre as quais se destaca a organização dos chamados Diários Políticos de Caio Prado Jr. e da correspondência do intelectual. Ao se deparar com as fotografias, que até então não tinham sido descritas, recordamos do depoimento de Giovana, que nos disse que talvez não teria conseguido tratar as imagens sem ter lido anteriormente a documentação escrita. Pelas mãos de Giovana, foram descritos e abertos para a consulta mais de 9.297 documentos.

Foi esse trabalho intenso, e necessário, que permitiu a correlação de documentos como uma sequência de imagens que retratam o Estágio do Pacaembu, localizado em São Paulo ao Diário Político de número 5. Por conta das anotações de Caio Prado Jr., bem como a guarda de panfletos de um comício político da época, foi possível identificar o evento gerador das imagens. Para nossa surpresa, as imagens analisadas à luz das anotações de Caio Prado Jr. em seu diário nos esclarecerem que se tratava do Comício de Luís Carlos Prestes, ocorrido em São Paulo, sediado no Estádio do Pacaembu, no ano de 1945:

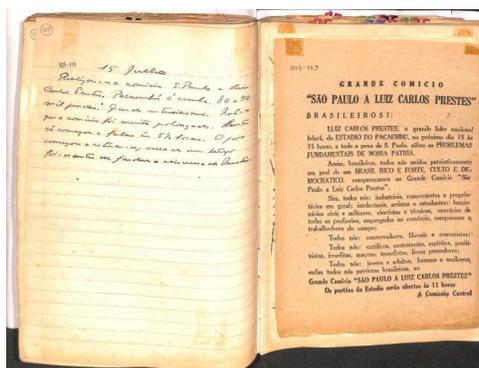
⁹ Mais informações sobre o trabalho, ver Manzano (2013).

Figura 16: Imagem da capa do Diário Político de Caio Prado Jr.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ005.

Figura 17: Imagem do interior do Diário Político de número 5, no qual há a anotação do evento ocorrido em 15 de julho de 1945, seguida de dois documentos impressos, sendo um panfleto e um hinário, também produzidos para o comício.



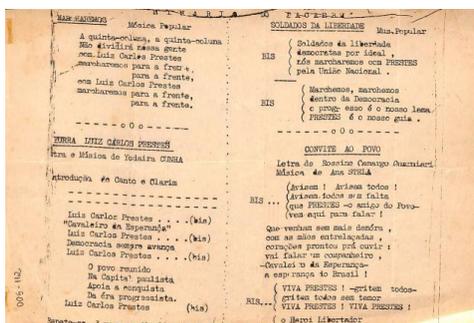
Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ005-111.

As anotações de Caio Prado Jr. dizem:

15 julho

Realizou-se o comício S. Paulo a Luis Carlos Prestes. Pacaembú [ilegível]. 80 a 90 mil jovens. Grande entusiasmo. Nota-se que o comício foi muito prolongado. Prestes só começou a falar às 5 ½ horas. O povo começou a retirar-se; cerca de um terço foi-se antes de findar o discurso de Prestes.

Figuras 18 e 19: Impressos mantidos dentro do Diário Político de número 5, no arquivo de Caio Prado Jr.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., códigos de referência: CPJ005-112 e CPJ005-113.

Duas das imagens relacionadas ao Diário Político de número 5, às anotações de 5 de julho e aos documentos impressos seguem aqui:

Figuras 20 e 21: Imagens do Estádio do Pacaembu.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., códigos de referência: CPJ-F13-001 e CPJ-F13-002.

A ficha descritiva produzida a partir do SGA, busca trazer a classificação dos dados dos documentos, bem como sua correlação entre o que chamamos de documentos textuais e documentos iconográficos:

Descrição do Documento

Acervo: Caio Prado Júnior

Código de Ref.: CPJ005-111

Unidade de Armazenamento: Caixa 031 (Sala 1)

Posição no Quadro de Arranjo: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA > Diários Políticos

Este documento faz parte de: CPJ005

Gênero Documental: Textual

Espécie/Tipo/Formato Documental: ANOTAÇÃO

Título: 15 Julho

Descrição: Realizou-se o comício em São Paulo a Luis Carlos Prestes; houve grande entusiasmo e o comício foi prolongado.

Suporte: PAPEL

Técnica de Registro: Manuscrito

Localidade: s.l.

Data: 15/7/1945

Idioma: Português

Núm. de Folhas: 1

Autor: Caio da Silva Prado Júnior

Observações: Localizado na página 125 do documento CPJ005.

Referências Onomásticas: Luis Carlos Prestes

Documentos Relacionados:

CPJ005

CPJ005-112

CPJ005-113

CPJ-F13-001

CPJ-F13-002

CPJ-F13-003

CPJ-F13-004

CPJ-F13-005

CPJ-F13-006

CPJ-F13-007

CPJ-F13-008

CPJ-F13-009

CPJ-F13-010

CPJ-F13-011

Status: Disponível para consulta

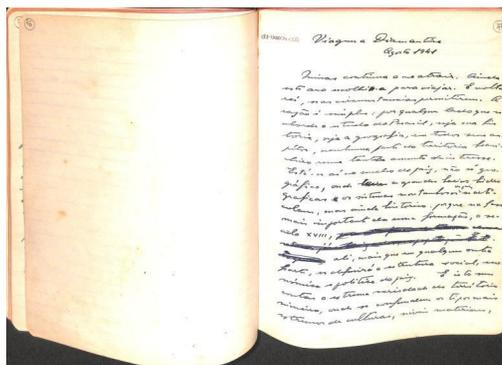
O que o presente estudo busca destacar é que o que aqui parece ser uma relação simples, não é. Giovana, na época, atuou por mais de dois anos e leu mais de 9 mil documentos. Graças à sua memória, ela pode fazer a relação entre os itens, especialmente porque o Diário Político de número 5 tinha mantido em seu interior os impressos do comício. Entretanto, as fotografias, estavam apartadas fisicamente dos documentos textuais e exigiram um trabalho de pesquisa da nossa então estagiária.

Outro exemplo de contextualização de imagens e textos veio de outro estudo realizado pelo então aluno do Programa Unificado de Bolsas da USP, Matheus de Paula Silva¹⁰, que trabalhou com um dos álbuns de viagem de Caio Prado Jr. O trabalho nos mostra que um dos cadernos

¹⁰ O projeto teve início em 2016, com o título “Estudo e edição crítica das viagens de Caio Prado Jr. a Ouro Preto (1940) e Diamantina (1941): levantamentos fotográficos e relatos manuscritos”, e ocorreu sob a supervisão colaborativa dos seguinte corpo: Alexandre de Freitas Barbosa / Elisabete Marin Ribas / Jaime Tadeu Oliva / Paulo Teixeira Iumatti: Mais informações podem ser encontradas no Fundo IEB, códigos de referência: IEB-CPJR-PUB-0001-01, IEB-CPJR-PUB-0001-02 e IEB-CPJR-PUB-0001-03.

presentes no arquivo do intelectual traz as anotações como um diário de viagem, ou um caderno de campo.

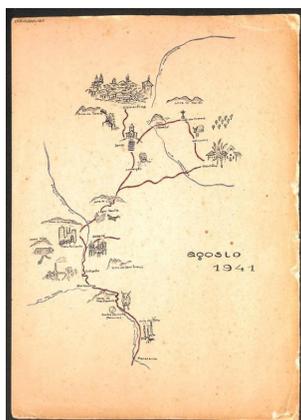
Figura 22: Caderno com registro de viagem à Diamantina, ocorrida em agosto de 1941.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ-CAD004-002.

Paralelo ao caderno, um álbum de fotos ilustra a viagem. Aqui cabe destacar que além de fotógrafo, Caio Prado Jr. também é um exímio desenhista. A capa do álbum é um mapa atribuído ao titular do fundo, com as cidades, parte dos rios e a indicação da data da viagem “Agosto / 1941”:

Figura 23: Capa do Álbum de número 01, com desenho atribuído à Caio Prado Jr.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ-ALB01-001.

Figura 24: Imagem ilustrativa de uma das páginas internas do álbum, no qual Caio Prado Jr. faz breves indicações de local.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Caio Prado Jr., código de referência: CPJ-ALB01 (página 06).

Nesse trabalho, o caderno foi descrito e transcrito palavra a palavra. Após isso, Matheus fez a relação entre as fotografias do Álbum de número 01 e o texto do caderno. Seu relatório final utiliza da tecnologia de hoje e compôs aquilo que estava na mente de Caio Prado Jr.

Para o pesquisador que acessa um acervo com essa descrição minuciosa, o avanço na pesquisa e na recuperação de informação é algo impressionante. Em nosso atendimento presencial, cotidianamente, ouvimos o agradecimento de muitos dos consultantes que reconhecem o trabalho e avançam na coleta de dados que descritos de forma tão refinada, apoiam suas pesquisas. São pesquisas realizadas pelas equipes internas que retroalimentam pesquisas realizadas pelo usuário do Arquivo. A pergunta que fica é: quais os limites da descrição do acervo? Conversaremos sobre esse dilema adiante.

CASO 02) MÁRIO DE ANDRADE: FOTÓGRAFO E TURISTA APRENDIZ

O fundo Mário de Andrade foi o primeiro arquivo pessoal incorporado pelo IEB e sua história está diretamente relacionada ao histórico de surgimento do próprio Arquivo do IEB. Assim como o de Caio Prado Jr., seu arquivo é estimado em cerca de 30 mil documentos, dentre os quais destacamos mais de 2.400 fotografias e 300 negativos. Mário de Andrade nasceu em 1893 e viveu intensamente até 1945.

A coleção de imagens de Mário traz retratos de família do escritor, retratos de amigos, muitos deles com dedicatórias, estudos de Mário sobre Arte, Arquitetura e dentre muitas outras facetas a atuação de Mário como fotógrafo, afinal Mário é “300, 350”¹¹. Não cabe ao presente estudo analisar Mário de Andrade fotógrafo, feito já consolidado por inúmeros pesquisadores, dos quais destacamos Paulino; Mindlin; Martins; Gregório; Lopez; Racy (1993); Lopez; Figueiredo; Fernandes (2015) e Carnicel (1993), para citar apenas alguns. Mas sejam desses mesmos autores, seja de inúmeras outras referências em decorrência desses, Mário e sua aventuras como fotógrafo não é um tema novo.

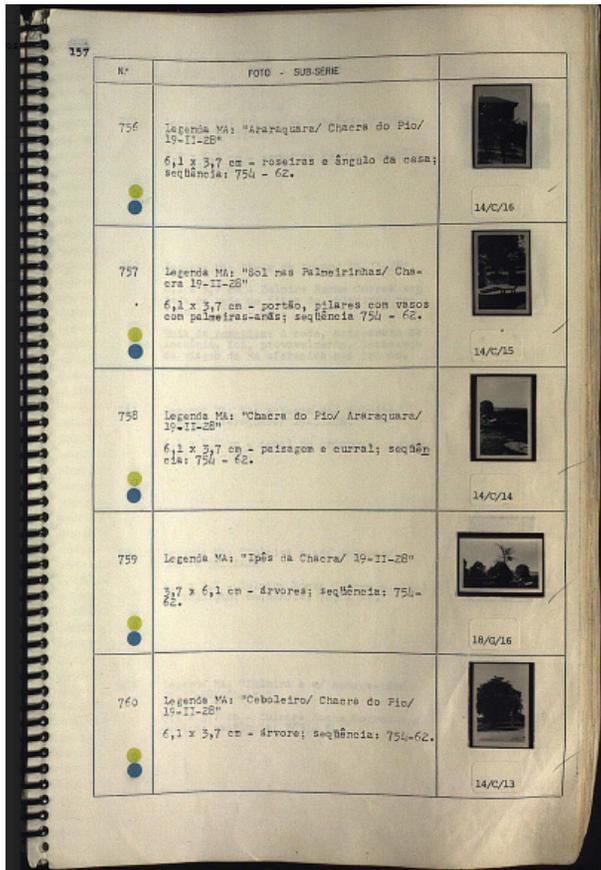
Então porque ele foi escolhido aqui?

Como dito anteriormente, a história do Arquivo do IEB e o acervo pessoal do autor de *Macunaíma* entrecruzam-se. O catálogo de fotografias de Mário de Andrade foi um instrumento de pesquisa elaborado entre os anos de 1970 a 1988, quando sua versão datilografada foi disposta para consulta junto ao atendimento ao pesquisador do Serviço de Arquivo. A novidade, para não se dizer o capricho do instrumento, é que além da descrição das fotografias, o catálogo trazia contatos impressos que ilustravam cada fotografia presente no arquivo de Mário de Andrade.

Em tempos de reprodução digital, talvez não seja possível mensurar o trabalho hercúleo dedicado a esse instrumento. De imediato, nos chama a atenção que para além do trabalho de datilografia exigido, as fotografias precisaram ser refotografadas e impressas em miniaturas.

¹¹ Trocadilho com o poema “Eu sou trezentos...”, publicado pela primeira vez por Mário em seu livro *Remate de males*, em 1930. (ANDRADE, 2013, p. 295).

Figura 25: Imagem ilustrativa da página de número 157 do Volume II, do primeiro Catálogo da Série de Fotografias, do Fundo Mário de Andrade. Na primeira coluna se vê o número de referência da imagem, na segunda coluna a descrição da imagem, quase sempre mantida a partir da atribuição feita pelo próprio Mário de Andrade e na terceira coluna a reprodução em contato fotográfico da imagem original.



N.º	FOTO - SUB-SÉRIE	
756	Legenda MA: "Araraquara/ Chacra do Pico/ 19-II-28" 6,1 x 3,7 cm - roseiras e ângulo da casa; seqüência: 754 - 62.	 14/C/16
757	Legenda MA: "Sol nas Palmeirinhas/ Chacra 19-II-28" 6,1 x 3,7 cm - portão, pilares com vasos com palmeiras-antãs; seqüência 754 - 62.	 14/C/15
758	Legenda MA: "Chacra do Pico/ Araraquara/ 19-II-28" 6,1 x 3,7 cm - paisagem e curral; seqüência: 754 - 62.	 14/C/14
759	Legenda MA: "Ipaês da Chacra/ 19-II-28" 3,7 x 6,1 cm - árvores; seqüência: 754 - 62.	 18/G/16
760	Legenda MA: "Ceboleira/ Chacra do Pico/ 19-II-28" 6,1 x 3,7 cm - árvore; seqüência: 754-62.	 14/C/13

Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo IEB.

Entretanto, o resultado surpreendente, para além da estrutura do instrumento que trazia índices remissivos, é, por exemplo, a abertura segura à consulta, de modo que a descrição e a imagem de referência estavam juntas, de fácil conferência, permitindo ao pesquisador a seleção

da imagem selecionada, bem como reduzindo à equipe de atendimento à necessidade de transposição de centenas de fotografias à sala de consulta.

Posteriormente, nas décadas de 1990 e 2000, inovou-se novamente. Ao catálogo impresso, a equipe de organização do arquivo de Mário de Andrade providenciou a digitalização de todas as fotografias, frente e verso, de modo que a consulta às imagens se dava ao pesquisador que agora acessava um terminal de computador com drive de leitura de cd.

Quando da implantação do SGA nos anos de 2008 e 2009, inicialmente os descritores dos catálogos impressos serviram de base para a estruturação de uma plataforma única de consulta, que visava informatizar o acesso, concentrando em uma única estrutura catálogos de fotografias, cartas e demais tipologias. No início da década de 2010, foram as digitalizações feitas uma década antes, bem como a experiência de imagem e descritores do primeiro catálogo feito para a Série Fotografias de Mário de Andrade, que inspiraram a adequação de modo que o SGA passou a não ser mais apenas a ferramenta de gerenciamento de dados do acervo físico, como também passou a gerenciar, por meio de repositórios digitais, as reproduções digitais, vinculando-as e disponibilizando-as para a pesquisa local:

Figura 26: Imagem ilustrativa da interface de consulta do SGA, disponível na Sala de Atendimento ao Pesquisador do Arquivo IEB – USP.

Descritores dos documentos físicos estão novamente atrelados à imagem da fotografia, agora na versão digital, mas nos mesmos moldes do primeiro catálogo produzido entre os anos de 1970 e 1980.

The screenshot displays the SGA interface with the following elements:

- Navigation:** Página Inicial > Arquivo > Fundos
- Search Results:** Mário de Andrade (with a 'Voltar' link)
- Filters:** [Ver bibliografia associada], Código de Referência: MA-F-0757, Ordenar por: [Código de Referência], Número de itens encontrados: 1, Listando itens de 1 a 1.
- Record Details:**
 - Acervo: Mário de Andrade
 - Código de Ref.: MA-F-0757
 - Espécie/Formato/Tipo: FOTOGRAFIA
 - Título: "Lote 'Chacara' e Fazenda São Francisco - Araraquara" - Palmeirinhas
 - Descrição: Portão e pilares com vasos com palmeiras-anãs.
 - Legenda MA: "Sol nas Palmeirinhas"
 - Chacara 19-II-26"
 - Localidade: Araraquara, SP, BRA
 - Data: 19/2/1928
 - Fotógrafo: Mário Raul de Moraes Andrade [Mário de Andrade]
 - Visualizar o documento
 - Ver mais informações
- Image:** A photograph of a porch with columns and palm trees, with a color calibration strip on the right.
- Search Panel (Right):** Palavras-chave, Tipo de Material ou Espécie/Formato documental, Suporte, Nome de pessoa ou instituição, Data (de, a), Periódico, No. de Tombo / Cód. de Referência: MA-F-0757, Pesquisar, Limpar.

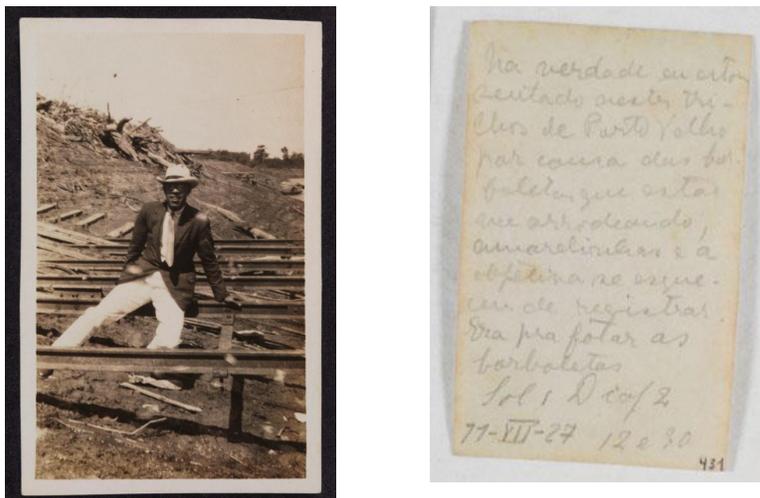
Fonte: Arquivo IEB-USP. Interface de consulta interna – Catálogo on-line

É importante destacar – e alertar se nos for permitido – que a manutenção de bases de dados como do SGA, que é nossa ferramenta de gestão do acervo, é um trabalho sem fim. E com o avanço tecnológico que vemos no século XXI é imperativo que as instituições invistam em profissionais da tecnologia, dispostos a trabalharem lado a lado dos gestores de acervos documentais e ambos, sempre atentos às demandas de pesquisa. O caso descrito aqui que partiu de um catálogo impresso, elaborado há mais de trinta anos, não é o único aplicado pelo Arquivo do IEB. Pelo contrário, sempre que possível, buscou-se utilizar o trabalho de descrição de gerações pregressas, pois sempre há avanços de métodos e técnicas, e

quando há dados consolidados, fica muito mais fácil reutilizá-los do que partir do zero. O catálogo de fotografias do Fundo Mário de Andrade é um excelente exemplo disso.

Voltando ao caso do nosso amigo Mário de Andrade, que é “300, 350”. Seleccionamos a seguinte imagem:

Figura 27: Frente e verso de retrato de Mário de Andrade, em Porto Velho.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Mário de Andrade, códigos de referência: MA-F-0481.

A imagem traz um Mário elegante. Ele está em viagem e sabemos disso, pois além de fotógrafo ele é escritor. A imagem aqui selecionada é apenas uma dentre milhares, em que o incansável Mário registra textos e contextos no seu verso. Aqui ele diz:

Na verdade eu estou sentado nestes trilhos de Porto Velho por causa das borboletas que estão me arrodando, amarelinhas e a objetiva se esqueceu de registrar. Era pra fotar as borboletas.

Sol, Diaf 2

11 – VII-27

12 e 30.

Novamente nos deparamos com um fotógrafo versado. Assim como Caio Prado Jr., Mário registra no verso da fotografia algumas informações que para um fotógrafo profissional são facilmente identificadas. Isso inclui a gíria “fotar”, presente em uma espécie de dialeto próprio em vários círculos de profissionais da área. Aqui temos mais uma vez a comprovação de Mário fotógrafo, e escritor, e poeta, afinal nada mais poético do que se preocupar com as borboletas...mas ele também é , o que podemos dizer, arquivista! Ele sabe da importância do registro, do vínculo entre imagem e contexto, o valor documental presente por trás de cada fotografia, caderno, recorte retirado de um jornal.

A nós que organizamos seu acervo, e vão mais de 40 anos desde a sua chegada, agradecemos a Mário pelos registros. Fazemos nosso trabalho de contextualização das imagens em suas viagens, descrevemos onde ele está, como ele está, o que veste, a paisagem, mas sobretudo mantemos também as “legendas poéticas” marioandradianas que trazem novo tom aos nossos catálogos.

CONTEXTUALIZAR BASTA?

Quando falamos de arquivos pessoais, a contextualização dos documentos é algo primordial. No caso do acervo sob a guarda do Arquivo do IEB, tentamos mostrar até aqui, que assim como os avanços que buscamos imprimir no tratamento de fotografias, em especial, as presentes nos fundos de intelectuais, escritores e artistas sob nossa guarda, as técnicas de classificação também avançaram nos últimos anos. Se na década de 1980 as instituições tratavam seus arquivos pessoais por séries tipológicas, hoje busca-se aplicar a chamada classificação funcional. No caso do Arquivo do IEB não tem sido diferente.

Muitas vezes, devido às pesquisas e metodologias aplicadas anteriormente, nossas bases de dados nos permitem manter a dupla classificação entre séries e funções. Às vezes – e temos certeza de que o Arquivo do IEB não é uma exceção – a quantidade de pessoas presentes nas equipes técnicas não são suficientes sequer para tratar o material

recentemente recebido¹², quanto mais reclassificar o que já foi feito. Mas estagnados e derrotados, não devemos ficar.

Buscamos nos inspirar especialmente nos resultados surpreendentes que a abertura de dados para a pesquisa nos traz e por isso, para finalizar nosso relato, vamos compartilhar a experiência que tivemos com as pesquisadoras Ana Carolina Carmona Ribeiro e Camilla Freitas.

Atualmente, Ana Carolina é autora do livro *Pequeno Guia da Botânica Modernista*¹³. Ana e Camilla buscaram o arquivo do IEB para obterem o licenciamento de uso de um cartão-postal, que se encontrava no fundo Mário de Andrade. Sob o código MA-C-CP592, era um cartão que Oswald de Andrade enviou à Mário, em 1923, ou seja, logo após a Semana de 1922.

Era 2020, estávamos no início da pandemia de Covid-19 e o atendimento presencial aos pesquisadores estava fechado. A mensagem das pesquisadoras buscava pela frente do cartão-postal, pois a pesquisa realizada por Ana Carolina, - inicialmente para a obtenção do doutorado, mas agora também para a elaboração do *Pequeno Guia* - trabalhava com referências à botânica e seus usos por artistas, escritores e demais intelectuais, apoiadores, adeptos e participantes do Movimento Modernista. Elas pediam o cartão que trazia a colheita de bananas, de Las Palmas.

Quando abrimos o documento no módulo de gerenciamento do SGA, nos deparamos com essa imagem:

¹² É preciso dizer que as instituições de guarda de acervo, em geral, além de detentoras de vários conjuntos documentais acumulados desde suas fundações, também tendem a receber novas doações, de modo que, a partir de linhas curatoriais ou políticas de expansão do acervo, há um constante e considerável crescimento. No IEB tem sido assim.

¹³ RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. **Pequeno Guia da Botânica Modernista**. São Paulo: Ed. Da autora, 2020.

Figura 28: Cartão-postal de Oswald de Andrade à Mário de Andrade.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Mário de Andrade, códigos de referência: MA-C-CP592.

Devido ao respeito à legislação brasileira de direitos autorais, o catálogo do acervo do Arquivo disponível on-line traz os descritores dos documentos, mas não a imagem digitalizada na íntegra do documento, nem sua transcrição. Em razão dessas limitações, pensamos: como elas teriam recuperado essa informação e sabiam identificar essa imagem tão significativa para a pesquisa em andamento, sem vê-la?

Foi parando por um minuto e vendo a descrição do documento que vimos, que no momento do tratamento documental, para além da contextualização, da data e do resumo do assunto, a pessoa responsável pela descrição tinha copiado o texto de atribuição da imagem, que dizia: “Las Palmas - Gran Canaria/ Cosecha de bananas”.

A frente do cartão-postal foi licenciada e em 25 de março de 2021, o livro foi lançado e participamos da celebração do lançamento. Um livro incrível em todos os sentidos: bem diagramado, agradável de se ler, abordagem interessante, linguagem acessível e sobretudo, voltado ao público escolar. Composto de encartes divertidos, cada parte traz uma planta. O cartão-postal do arquivo de Mário de Andrade está lá na ilustração da bananeira. Agrademos à Ana Carolina e à Camilla pela oportunidade de veicularmos o acervo do Arquivo a um projeto de tamanha relevância.

Essa história foi escolhida, pois ela retrata um dos grandes dilemas do tratamento do acervo, principalmente quando se opta por descrever item a item, como fazemos junto aos arquivos pessoais sob a guarda do IEB-USP: até onde ir nessa descrição? Se o importante é o contexto de produção, nesse caso sabendo que Oswald escreveu para Mário, não atenderíamos um público interessado na conversa entre os dois? Por que descrever as imagens que ilustram um cartão-postal? Afinal, são poucas pessoas disponíveis para o trabalho e há a pressa de abertura de dados para pesquisas.

Nós sabemos de tudo isso e é importante ressaltar que no caso do Arquivo do IEB – USP somos um centro de guarda privilegiado, pois temos, dentre outros benefícios, a oportunidade de estarmos dentro da Universidade de São Paulo, tendo a oportunidade de contar com equipe técnica especializada e bolsistas e estagiários dedicados. Mas mesmo assim, não há mãos suficientes. Talvez nunca haja.

O que temos adotado é buscar por uma descrição minuciosa, aplicada aos conjuntos que tem sido incorporados recentemente, de modo que não haja a necessidade de retorno ao documento em um momento posterior. Tal descrição é feita em nossas bases de dados, de forma estruturada e quando necessário, tais dados são aperfeiçoados, seja em correções de digitação percebidas posteriormente à publicação dos dados on-line, seja em projetos específicos, concebidos para a atualização de campos. Evitamos entrar em um ciclo de “retrabalho” constante, mas buscamos revisitar as descrições e classificações, ampliando-as tanto quanto às novas normas e técnicas da Arquivologia, quanto às nossas demandas de pesquisa, em constante processo de avanço.

A adoção de uma descrição minuciosa que leva em consideração dados específicos de tipologias – como buscamos mostrar nesse trabalho quando tratamos das fotografias - e prioriza, por exemplo, a identificação individualizada de referências onomásticas seja em um bilhete, seja em uma lista de abaixo assinado com mais de duzentas assinaturas é um procedimento fácil e simples? Não é!

Como dito anteriormente, há dilemas como a questão de tempo do processamento documental e a urgência da abertura de dados para a

pesquisa; no caso de documentos privados de interesse público, há a linha tênue entre o direito à informação e o direito à privacidade. O que temos buscado fazer? Além da descrição pormenorizada que temos realizado, como dito anteriormente, o aproveitamento de dados de catálogos anteriores, sejam impressos, sejam datilografados, são sempre que possível, considerados. Além disso, quando necessário, ouvimos os atores envolvidos: a abertura desses dados on-line muitas vezes proporciona feedbacks dos pesquisadores¹⁴ e até mesmo dos doadores de acervo, que nos ajudam a corrigir rotas de projetos, protocolos e procedimentos. Trabalhamos com responsabilidade em atenção às legislações vigentes¹⁵, aos princípios arquivísticos e ouvindo ao máximo o público interno e externo que orbita ao redor de nosso acervo.

Acreditamos que a descrição item a item, feita de forma detalhada, é algo que facilita a recuperação das informações. Cabe aos pesquisadores selecionar os dados de seu interesse. No nosso caso, a multiplicidade de dados nos permite ampliar a diversidade de pesquisas e esse tem sido um dos nossos principais objetivos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF: Iphan, 2015.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas – volume I**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- AMARAL, Luciana. **A importância do tratamento intelectual das fotografias visando à recuperação da imagem**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27112009-184950/pt-br.php>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- ARDAILLON, Danielle. (apresentação). **Documentos privados de interesse público: o acesso em questão**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2005.

¹⁴ Aqui novamente lançamos mão do exemplo do trabalho de Godoy (2021), que após seu estudo, colaborou com a melhoria das descrições documentais que tínhamos até então realizado.

¹⁵ Destaque para as leis de direitos autorais brasileiras (lei número 9.610, de 19 de fevereiro de 1998) bem como a recente Lei Geral de Proteção de Dados (lei número 13.709, de 14 de agosto de 2018).

CARNICEL, Amarildo. **O fotógrafo Mário de Andrade**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografia**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002. Disponível em: https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf4.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

GODOY, Guilherme Lassabia de. **Catálogo seletivo de referências às políticas e iniciativas culturais relacionadas a pessoas negras no Arquivo-IEB / USP**. Orientadora: Inês Cordeiro Gouveia. Trabalho de conclusão do Curso (Aperfeiçoamento Técnico em Patrimônio Documental) - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. 2021. Disponível para consulta junto ao Arquivo IEB – USP. 2 v.

KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**. O Efêmero e o Perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MANZANO, Fábio Ruivo. Trabalho com fotos de Caio Prado Jr. é levado para congresso internacional. Pesquisa com o fundo do historiador no IEB contribui para internacionalização da universidade. **Arte e Cultura. Instituto de Estudos Brasileiros**, São paulo, ano 46, n. 80, 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/aun/antigo/exibir.php?id=5515>. Acesso em: 7 ago. 2021.

PAULINO, Ana Maria; MINDLIN, Diana; MARTINS, Regina; GREGÓRIO, Sérgio; LOPEZ, Telê Ancona e RACY, Washington. (orgs.). **Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1993.

RIBAS, Elisabete Marin. Líderes e cidadãos: onde termina o homem público e tem início a vida privada nos documentos de arquivos de políticos? **Revista do Arquivo do Estado de São Paulo**, São Paulo, ano II, n. 4, 2017. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/artigo_06.php. Acesso em: 7 ago. 2021.

RIBAS, Elisabete Marin. O Sistema de Gerenciamento de Acervos do IEB USP. *In: Anais do II Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa: tecnologia, informação e acesso*. São Paulo: Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa, 2013.

RIBAS, Elisabete Marin. O Sistema de Gerenciamento de Acervos do IEB USP. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARQUIVOS DE MUSEUS E PESQUISA: TECNOLOGIA, INFORMAÇÃO E ACESSO*, 2., 2013, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa, 2013. p. 99-105.

RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. **Pequeno Guia da Botânica Modernista**. São Paulo: Ed. Da autora, 2020.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40989>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. *In: SMIT, Johanna W. (coord.). Análise documentária: a análise da síntese*. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1989, p. 101-113.

SAMAIN, Etienne. (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Etienne. (org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec; Senac, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

* Sobre o IEB: Criado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1962, o Instituto de Estudos Brasileiros é um centro multidisciplinar de pesquisas e documentação sobre a história e as culturas do Brasil. Tem como desafio fundador a reflexão sobre a sociedade brasileira, envolvendo a articulação de diferentes áreas das humanidades. Contemplado em 1995 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o prêmio Rodrigo de Melo Franco de Andrade na categoria Preservação de Acervos Culturais Móveis e Imóveis, o IEB tem sob sua responsabilidade a guarda e a manutenção de um acervo excepcional. Tal acervo é formado por um expressivo conjunto de fundos pessoais – constituídos em vida por artistas e intelectuais brasileiros –, e que estão distribuídos entre o Arquivo, a Biblioteca e a Coleção de Artes Visuais. Manuscritos originais de nomes decisivos para nossa cultura, livros raros e obras de arte formam um conjunto de caráter único, que recebe periodicamente novas aquisições, seja através de doação ou por meio de compra.

O IEB, acervo e pesquisa são indissociáveis. As pesquisas são desenvolvidas nas áreas temáticas de Artes, Literatura, Música, História, História Econômica, Geografia, Economia, Antropologia, Museologia e Sociologia. Cabe destacar ainda o programa de pós-graduação do Instituto, que leva o nome de “Culturas e Identidades Brasileiras”, e que mantém duas linhas de pesquisa: 1) Sociedade e Cultura na América Portuguesa e no Brasil; 2) Brasil: a Realidade da Criação, a Criação da Realidade.

Mais informações em: <http://www.ieb.usp.br/sobre-o-ieb/historico/>

Sobre o Arquivo do IEB:

Histórico

O Arquivo do IEB USP surgiu em 1968, integrado à Biblioteca. A partir de 1974, com a chegada de sucessivos arquivos pessoais, o crescimento do acervo motivou seu estabelecimento como setor independente.

Com o objetivo de receber, organizar, preservar e divulgar seus documentos, visando oferecer fontes primárias para pesquisas das mais diversas áreas, o Arquivo do IEB atualmente reúne cerca de 500 mil documentos, divididos em mais de 150 conjuntos. Dentre eles os arquivos pessoais de: Anitta Malfati, Aracy Abreu Amaral, Caio Prado Jr., Camargo Guarnieri, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Milton Santos, Manuel Correia de Andrade entre muitos outros.

O acervo custodiado pelo Arquivo do IEB é fonte de pesquisas para brasileiros e estrangeiros, além de subsidiar publicações e exposições de grande público pelo país e no exterior.

Alguns dos seus fundos são tombados pelo IPHAN e reconhecidos como Memória do Mundo pela UNESCO.

Os dados do acervo do Arquivo do IEB podem ser acessados através do Catálogo on-line. Para acesso ao conteúdo dos documentos, o Arquivo aguarda a visita dos pesquisadores interessados que podem ser agendadas por e-mail: arquivoieb@usp.br

Mais informações em: <http://www.ieb.usp.br/sobre-arquivo-ieb/>

